



PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Thursday 14 May 2009 (morning)
Jeudi 14 mai 2009 (matin)
Jueves 14 de mayo de 2009 (mañana)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'Épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

JANETH ARCAIN



Tetracampeã na liga profissional americana, campeã mundial pela seleção brasileira e medalha de prata e bronze em Olimpíadas, a jogadora de basquete Janeth Arcain é uma das mulheres mais bem-sucedidas do esporte brasileiro. Aos 38 anos, decidida a encerrar sua carreira depois dos Jogos Pan-Americanos, Janeth falou à repórter Denise Dweck sobre sua aposentadoria.

Repórter [- X -]

- 1 Eu poderia ir à minha quinta Olimpíada, mas já abri mão de muita coisa da vida pessoal pelo basquete. Deixei de fazer viagens e de ir a festas, por exemplo. É nisso que quero pensar agora. Está na hora de pensar um pouco mais em mim e deixar o esporte em segundo plano. Eu já jogo basquete há 25 anos. Da mesma forma como antes eu estava decidida e preparada para jogar, agora estou decidida e preparada para me retirar das quadras.

Repórter [- 3 -]

- 2 É uma questão de oportunidade. Para muitos negros, sai caro pagar para ser sócio de um clube, e essa é, no Brasil, a principal porta de entrada para o basquete. Por isso os brancos, que têm melhores condições financeiras, é que acabam predominando nas equipes.

Repórter [- 4 -]

- 3 Racismo, não. Não me lembro de ter passado por uma situação do gênero nem de alguém ter me insultado. O que senti foi preconceito quando fui para os Estados Unidos, por ser sulamericana. Por sorte, soube me impor, mostrando o meu jogo.

Repórter [- 5 -]

- 4 Não. A quantidade de vagas tem de ser igual para todo mundo, e a disputa, por meio de testes de conhecimento. As cotas podem até gerar mais racismo. As pessoas podem pensar “esses aí só conseguiram vaga porque são negros”. A única maneira que existe para diminuir as desigualdades é dar oportunidades de estudo e treino para todos desde cedo, para que depois eles se dêem bem na universidade ou no esporte.

Repórter [– 6 –]

- ⑤ Sempre brinco que tenho corpinho de 18, rosto de 25 e experiência de uma mulher de 38 anos. Não faço nada em especial. Como de tudo sem exagerar e adoro tomar vinho. Só faço dieta em dia de jogo e me exercito nos treinos.
- ⑥ **Repórter: Como era jogar com a Paula e a Hortênczia? Havia ciúmes?**
Sempre há ciúmeira, ainda mais quando se trata de mulheres. Algumas jogadoras da seleção ficavam com inveja porque só as duas apareciam na mídia. Sempre fiquei na minha, esperando o meu momento, que acabou chegando.

Denise Dweck, Auto-Retrato, *Veja*, Editora Abril, Rio (20 de junho 2007)

TEXTO B

O TURISMO DE MASSAS: INIMIGO OU MAL NECESSÁRIO?

❶ Passa-se um ano a trabalhar para comprar um pacote de férias. Entra-se num avião apinhado de gente, ocupa-se um lugar estreito e incômodo e passa-se uma série de horas no ar com o estômago a dar horas. Aterra-se no meio de nenhures, a milhas de qualquer atracção digna do título, e segue-se para uma estância hoteleira, tirada a fotocópia de centenas semelhantes ao longo da marginal junto ao mar. O quarto é um forno e dá mais provavelmente para as traseiras, com vista (e ruído) para as obras de outra urbanização turística em construção. Os comes e bebes são de plástico, iguais em todas as refeições e é preciso fazer enormes bichas* para os obter. A piscina está cheia de crianças aos berros, gente na terceira idade a frequentar aulas de aeróbica, ou casais a participar em concursos de modelo televisivo. A praia fica mesmo ali à frente, mas as espreguiçadeiras e sombras estão reservadas do nascer ao pôr do sol e caminhar à beira-mar não é opção porque todas as praias contíguas são privadas. De resto, não se vêem nativos em lado nenhum, tirando os empregados do hotel, o pessoal das obras e os animadores de discoteca.



❷ Isto ou algo de semelhante é a rotina no estranho mundo do turismo de massas. Estranho, porque mal se compreende que haja gente disposta a queimar economias e tempo livre nestes projetos, que são literalmente a antítese das férias no paraíso prometidas nas brochuras turísticas. Não parece nada atraente, mas pelo menos parece uma modalidade inofensiva de ociosidade. A fachada soalheira e pacífica do turismo de massas esconde, porém, uma espécie de hidra cada vez mais tentacular e venenosa, consubstanciada em enormes estâncias artificiais, que implicam o colapso de paraísos reais, artificialização da paisagem, sobreexploração e sobreconsumo de fontes limitadas de água e de energia, descaracterização cultural e destruição de valores patrimoniais.

❸ O reverso da medalha? Enquanto o maior número seguir em rebanho para "fábricas de turistas", outros destinos, atracções naturais ou patrimoniais por vezes mesmo ali ao lado permanecerão intactos. Imaginem o que aconteceria se os magotes que anualmente invadem Portimão, Quarteira ou Albufeira subitamente mudassem de planos, passando a concentrar-se na Costa Vicentina? O turismo de massas aparece nesta perspectiva como solução de compromisso, uma espécie de mal ou sacrifício necessário. Até porque conspirar contra o turismo de massas é politicamente incorreto — é pelo menos ceder à tentação da nostalgia elitista, do saudosismo do tempo em que ir de férias era um privilégio só ao alcance de alguns felizardos.

Viagens, Fugaspúblico, Lisboa (23 de Abril de 2005)

* bichas: filas

Blank page
Page vierge
Página en blanco

TEXTO C

AS AVENTURAS DE UM CICLISTA URBANO

- ❶ Sensível ao apelo do governo para economizar gasolina e, no íntimo, coagido pela insuficiência da verba para combustível (nesta altura do orçamento já plenamente comprometida), não lhe restou outro recurso senão adotar a bicicleta.
- ❷ Chamou a mulher de lado, confidenciou: — Prepara minha sunga esportiva; amanhã vou trabalhar de selim e guidão.
- ❸ Estava um pouco destreinado. Faltava-lhe o equilíbrio dos velhos tempos e, para evitar o fiasco diante dos vizinhos, saiu de casa às 5 da matina.
- ❹ Cruzou com o leiteiro. Quis fingir que não o viu, mas sem resultado:
- ❺ — Força, doutor. No começo a gente padece mesmo. No fim é moleza.
- ❻ Ficou em dúvida se pegava a Avenida Heitor Penteado ou se descia pela Água Branca. Lembrou-se da subida da Pompéia, não ia agüentar o repuxo. Melhor não arriscar. Escolheu as ruas mais planas, no sexto quarteirão já bufava. Respirou fundo, enchendo os peitos. Desembocou a custo nas Perdizes em frente ao Elevado Costa e Silva — o tal de Minhocão. Mentalmente mediu o longo percurso, nem lhe passou pela idéia que é proibido o trânsito de ciclistas no elevado. Quando deu fé, já estava nele. Atrás de si, a fila de carros. Por cautela, conservava a direita, mas a providência não lhe poupou o dissabor de algumas críticas. Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, chamou-o de molenga. Outro lhe mostrou a língua, em atitude altamente obscena. E até uma mulher se julgou no direito de desacatá-lo: — Folgado, hem, cara!
- ❼ Por um momento sentiu a tentação de saltar lá de cima, com bicicleta e tudo, mas o senso do dever, o espírito cívico e o apelo governamental estimularam-no a prosseguir pedalando.
- ❽ Na altura da Praça Marechal Deodoro encarou a estátua de Pereira Barreto, e a copa verde das árvores onde os pardais pareciam acompanhar seu esforço hercúleo. Pouco a pouco suas pernas amoleciam. Uma dor aguda percorria-lhe o cangote, descia até o tendão-de-aquiles.
- ❾ O semáforo estava vermelho; ele aproveitou para descansar o pé direito no asfalto e adivinhou que estava prestes a desmaiar. Iria cair ali mesmo, como um pedaço de chumbo. Seu coração palpitava. Ardiam-lhe os pulmões. Suas nádegas estavam adormecidas.



- 10 Quando o semáforo abriu, ele tentou arrancar na bicicleta, mas o ar escureceu. Relâmpagos cruzavam o espaço, explodiram trovões em sua cabeça, ele rodopiou, caiu sentado perto do bueiro. Um rato saltou de banda, lépido. Ninguém se aproximou, pensando tratar-se de um caso de morte natural. O guarda de trânsito trilou o apito, ordenando que se levantasse, estava atrapalhando o livre escoamento dos veículos. Ofegante, garganta áspera, sentia-se um perfeito miserável entregue às baratas.
- 11 Montou novamente na bicicleta, trôpego, tonto, à deriva: desguiou pela direita, entrou na São Luís, bateu num ônibus, atropelou uma galinha, subiu na ilha, derrapou na calçada, trombou com um poste, rasgou a saia de uma garota, tirou uma fina no carro-tanque do corpo-de-bombeiros, atrapalhou uma ambulância, desacatou um guarda rodoviário que estava largando o serviço, e entrou num bar da Praça João Mendes. Tudo sem desmontar da bicicleta.
- 12 Foi posto pra fora a pescoções, caiu no buraco da estação do metrô da Praça Clóvis, mas felizmente conseguiu chegar a seu destino na Rangel Pestana, a tempo de assinar o ponto na repartição competente.
- 13 Como, [- X -], estivesse com a camisa rasgada, o paletó [- 27 -] a manga direita, ligeiras escoriações por todo o corpo e de sunga, recebeu ordem superior para retirar-se, [- 28 -] pena de abertura de inquérito administrativo de acordo com os estatutos [- 29 -] vigor.
- 14 Desagradável, sem dúvida. Mas um ciclista não se faz num dia. De qualquer forma, solicita aos cidadãos desta cidade que, se algum encontrar suas calças (que devem ter ficado no trajeto entre a Rua das Palmeiras e o Edifício da Fazenda), queira por obséquio entregá-las na Rua da Alegria.
- 15 Dependendo do estado das calças, estuda-se módica gratificação.

Lourenço Diaféria, Para gostar de ler, Volume 7, Editora Didática, São Paulo,
(Texto adaptado) (1981)



TEXTO D

INSOMNIA É UM PESADELO!

Exibidos respectivamente pela RedeTV! e pela Gazeta, os programas *Insomnia* e *Intrusos* representam uma nova forma de caça-níquel na televisão. Diante de um cenário colorido, apresentadores com ares juvenis lançam charadas ao espectador. Por exemplo: quantas vezes a palavra “ovelha” aparece dentro de um círculo. Enquanto os rapazes fazem micagens e suas colegas dão gritinhos estridentes, o público é incentivado a ligar para um número de telefone e tomar parte num certo “concurso cultural”. Quem acumula mais pontos na gincana ganha o direito de entrar no ar para responder à tal charada — e concorrer a um prêmio que vai de 1500 a 4000 reais em barras de ouro. Seria apenas uma bobagem, não fosse um detalhe: toda vez que disca o número do programa, o espectador paga a tarifa interurbana para celular (no caso, para Curitiba). E nem é preciso dizer que se faz de tudo para esticar as chamadas ao máximo. Depois de gastar uns dois minutos respondendo a um cadastro, a pessoa se submete a um sem-número de perguntas boçais. Coisas do tipo: “Qual é a cor da grama: rosa, verde ou roxa?”. Como se fosse gozação, uma voz feminina de vez em quando entra na linha para comunicar: “Parabéns, você está indo bem. Continue assim”.

Insomnia e *Intrusos* são parecidos porque vêm da mesma fonte, a Cellcast, representante no Brasil de uma produtora inglesa especializada em atrações interativas de TV. A Cellcast compra horários nas emissoras para exibir esses programas — calcula-se que desembolse cerca de 300 000 reais por mês só pelo espaço na RedeTV!. Apesar de a audiência média não chegar a 1 ponto no ibope*, é um negócio lucrativo. Primeiro deles a estreiar por aqui, há sete meses, o *Insomnia* chega a proporcionar a cada mês 1 milhão de reais. Boa parte desse dinheiro vai para a operadora de telefonia que, segundo a Cellcast, patrocina o programa, a Brasil Telecom. Além de faturar com as ligações, ela tem ali uma vitrine para divulgar seu prefixo em estados que estão fora de sua cobertura. A Cellcast, claro, também embolsa um belo quinhão.

Ao se auto-intitular “concursos culturais”, esses programas conseguiram contornar inicialmente a fiscalização por que passam outras atrações que distribuem prêmios. Mas eles já entraram na mira dos órgãos de defesa do consumidor, que vêm investigando esses programas devido às reclamações de consumidores que se surpreenderam com a facada em suas contas no fim do mês.

Marcelo Marthe, *Veja*, Editora Abril-Rio, (Texto adaptado) (23 de maio de 2007)

* ibope: Instituto Brasileiro de Opinião Pública

